

A importância da UFU e do curso de História para a minha carreira profissional

Antônio de Almeida

Prof. do Instituto de História da UFU

Em agosto de 1987 ingressei como docente na Universidade Federal de Uberlândia, por meio de concurso público. Concretizava-se, assim, um sonho acalentado durante o meu processo de formação acadêmica. Eram anos difíceis, com o país recentemente saído de uma ditadura que perdurara por mais de duas décadas, cujos vestígios se faziam notar nitidamente na legislação que regulava o ensino superior, nos procedimentos adotados para escolha dos dirigentes institucionais, nas grades curriculares dos conteúdos ministrados e nos poucos recursos destinados ao funcionamento da instituição.

Em que pesem essas dificuldades, ainda nos primeiros anos de atuação na UFU, as diversas atividades com as quais me envolvi foram tão desafiantes quanto gratificantes, e, por isso mesmo, tiveram importância fundamental para a consolidação da minha carreira profissional como historiador. Dentre essas atividades, ainda que brevemente, gostaria de mencionar ao menos aquelas que tiveram contribuições mais decisivas para minha formação permanente como historiador, nessa fase inicial como docente em uma instituição pública.

A preparação de programas para as disciplinas ministradas no curso de graduação em História da UFU, buscando sempre incluir novos conteúdos, e o empenho pelo envolvimento dos alunos com as discussões promovidas nas atividades acadêmicas estão entre aquelas atividades que reforçam mi-

nha convicção de ter tomado a decisão correta ao optar pela profissão do magistério e da pesquisa historiográfica. As disciplinas que ministrei no curso de História nesse período, voltadas para o campo teórico e metodológico (Historiografia, Métodos e Técnicas de Pesquisa em História e Introdução aos Estudos Históricos), além de requererem de minha parte uma retomada e a atualização de leituras realizadas anteriormente (seja na graduação, no mestrado e, até mesmo, na preparação para o concurso público da própria universidade, cuja temática versou justamente sobre teoria e metodologia da história), proporcionaram-me uma profunda reflexão sobre as diferentes correntes historiográficas: aquelas de matriz conservadora e positivista, praticamente superadas naquele final da década de 1980 e início dos 90, e outras de herança estruturalista que ainda lutavam para manter o seu prestígio, depois de bastante abaladas em suas certezas e generalizações. Essa, também, foi uma rica oportunidade para fazer uma leitura crítica sobre as vertentes historiográficas mais recentes, sobretudo em relação às contribuições advindas da História Social, da História Cultural e da nova História Política, que ganhavam crescente aceitação entre os historiadores brasileiros, descortinando novas leituras e diversificadas possibilidades investigativas. A oportunidade de ofertar as disciplinas História Contemporânea e História Econômica Geral, ambas voltadas para o século

XX, instigou-me a buscar respostas para inquietantes questões enfrentadas pelos sujeitos e processos sociais nesse período, tais como o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico, com seus desdobramentos para o capital e para o trabalho, seja na perspectiva da disciplinarização, do controle e da ampliação da capacidade produtiva em benefício do primeiro, seja em termos de alienação e/ou resistência e luta entre os trabalhadores. Guerras mundiais, crises do sistema capitalista, processos revolucionários e construção do socialismo real, totalitarismo, nazismo, fascismo, ditaduras, lutas por emancipação política das populações colonizadas e pela democratização foram temas recorrentes, que me forçaram, juntamente com meus alunos, a refletir sobre a importância desse século e de suas conexões com o presente.

Acompanhar de perto os esforços dos colegas para criação da Revista História e Perspectivas, primeiro periódico científico do curso de História da UFU, e ter tido a oportunidade de participar do conselho editorial dessa revista desde o seu primeiro número, publicado em 1988, e por cinco anos consecutivos, foi uma experiência das mais gratificantes. Mais do que um trabalho técnico de apreciação de artigos, as reuniões do conselho editorial eram fóruns de reflexão, debates e socialização de conhecimentos. As justificativas para aprovação ou rejeição dos textos recebidos para publicação, externadas nas reuniões presenciais com os demais

responsáveis pela revista, requeriam análise aprofundada tanto do ponto de vista teórico e metodológico quanto da consistência dos resultados alcançados pelos autores, algo que só era possível naquele ambiente de trabalho, cujas atividades eram distribuídas valorizando-se o comprometimento acadêmico e o aprofundamento na execução das tarefas. O tempo acelerado da pressa, dos pareceres *on-line* e da produção quantitativa ainda estava por vir.

Comprometido com as questões relacionadas ao ensino na área da História, integrei, a partir de 1988, a equipe de historiadores que criou, na UFU, o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História – Leah. Com essa iniciativa, preocupados com uma efetiva integração entre os profissionais que atuavam nos diferentes níveis de ensino, promovemos uma série de encontros anuais entre os professores de História do ensino fundamental, médio e superior, procurando diagnosticar e refletir sobre os problemas enfrentados, ao mesmo tempo em que buscávamos alternativas para estes socializando as experiências exitosas. Foi em uma dessas atividades de extensão universitária que, por proposição dos professores da rede pública do estado de Minas Gerais, criamos dentro do Leah a revista Cadernos de História que tinha como principal objetivo auxiliar os professores do ensino fundamental e médio nas atividades cotidianas de sala de aula, socializando leituras e experiências que procuravam buscar alternativas para as

limitações do livro didático e dos esquematismos dos programas curriculares. Cabe frisar que esse projeto perdurou, de forma ininterrupta, por mais de uma década, deixando de existir a partir do momento em que as exigências da Capes, com suas classificações do Qualis, não mais permitiram a sobrevivência desse tipo de publicação. O tempo da pressa havia chegado e uma nova cultura acadêmica com outras prioridades tornou-se hegemônica.

Simultaneamente, sob influência dessas variadas atividades de extensão universitária, desenvolvi nesse período, dentro do antigo Departamento de Ciências Sociais, dois projetos de pesquisa que procuraram refletir sobre alguns dos principais problemas enfrentados no ensino fundamental e médio praticado no Brasil, com destaque para a realidade vivenciada por estudantes e professores no cotidiano escolar da rede estadual de Minas Gerais. O primeiro, denominado “Docência e capacitação profissional: a realidade do ensino básico nas escolas do Estado de Minas Gerais”, desenvolvido entre os anos de 1988 e 2000, procurou refletir sobre a importância da qualificação profissional para a prática do ensino básico, assim como destacou as limitações e dificuldades a que estão submetidos os professores desse nível de ensino no estado de Minas Gerais, impossibilitados, em sua maioria, de ter acesso aos instrumentos que permitem atualização e aprimoramento no exercício da docência. O segundo projeto desenvol-

vido nessa área, que recebeu como título “Políticas públicas e aproveitamento escolar: as reformas educacionais no Estado de Minas Gerais e seus reflexos nas escolas públicas da Região do Triângulo Mineiro”, executado entre os anos de 1988 e 2003, procurou demonstrar como as reformas educacionais implementadas no estado de Minas Gerais, no período compreendido pela pesquisa, trouxeram consequências negativas para a realidade profissional dos docentes e para o ensino. Esses dois projetos geraram algumas publicações e comunicações em congressos científicos e a eles estiveram vinculadas várias orientações, envolvendo iniciação científica, monografias de conclusão de curso de graduação, monografias de conclusão de curso de especialização e dissertação de mestrado.

Outra experiência que considero da maior relevância para minha formação continuada como docente, pesquisador e também cidadão comprometido com as questões contemporâneas da Educação no Brasil, foi ter exercido a presidência da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia – Adufu, no período que se estendeu de 1999 a 2001. Dessa experiência vários aspectos podem ser destacados no que tange às lutas de resistência em defesa da universidade pública e da qualidade dos serviços prestados. Greves longas, com ampla participação dos docentes da UFU, protestos em praça pública, caravanas à Brasília, pressões junto aos parlamentares e manifestações dentro

do Congresso Nacional, foram algumas das formas de mobilização e de luta utilizadas. Nas pautas de reivindicações, temas como mais verbas para a universidade pública, democratização da instituição, vagas para concurso e defesa da dignidade profissional dos docentes foram frequentemente retomados. No plano local, uma importante luta contra o conservadorismo reinante nas administrações superiores da UFU, naquele final da década de 1980, unificou docentes, estudantes e técnico-administrativos. A forma mais efetiva dessa frente de ação foi materializada por meio de um Congresso Universitário, organizado de forma paritária e autonomamente pelas entidades Adufu, Sintet e DCE. Cerca de 150 delegados se reuniram por vários dias consecutivos e debateram exaustivamente as formas ultrapassadas das estruturas administrativas e acadêmicas da UFU, propondo alternativas para o seu aprimoramento. Esse foi um primeiro e importante passo para a construção de um Congresso Estatuinte, algo que viria ocorrer alguns anos depois, quando, pela primeira vez na história da instituição, a comunidade universitária da UFU elegeu um reitor do campo progressista, passo decisivo para sua democratização.

De todas essas frentes de ação, a que mais marcou a minha vida profissional foi a oportunidade de conhecer a universidade de forma mais ampla, para além da minha área específica de atuação. Isso, tanto no que diz respeito

à Universidade Federal de Uberlândia, participando de reuniões, debates, visitas aos variados setores e unidades que me possibilitaram contatos diretos com toda sua diversidade e pluralidade, quanto em relação ao conjunto da própria universidade pública brasileira, quando estive presente em reuniões, encontros e congressos nacionais. Nesses eventos pude conhecer, em certa medida, diversificadas experiências e especificidades locais e regionais da Educação Superior no Brasil. Esse foi um rico processo de aprendizagem fundamental para minha atuação profissional, seja como gestor, o que se daria alguns anos depois, ou como docente/pesquisador, pois favoreceu minha interlocução com os profissionais de outras áreas do conhecimento, sobretudo no desenvolvimento de projetos interdisciplinares.

Como dito no início desse exercício de rememoração, as atividades aqui descritas foram apenas parte daquilo que a Universidade Federal de Uberlândia e os cursos de História da UFU me proporcionaram enquanto experiência profissional, naqueles primeiros anos de atuação nesta instituição. De lá para cá, quase três décadas se passaram e, ao longo desse tempo, pude assistir de perto o crescimento da UFU e a ampliação das atividades desenvolvidas no âmbito do antigo Departamento de Ciências Sociais, depois Departamento de História e, finalmente Instituto de História. Nesse intervalo de tempo, além da Licenciatura em História no

período noturno, que aqui encontrei quando cheguei, vi nascer, participando ativamente com meus colegas do processo de criação, um outro curso de Licenciatura no período diurno, os cursos de Bacharelado nos períodos diurno e noturno, a criação e consolidação do Programa de Pós-Graduação em História, com os cursos de Mestrado e de Doutorado, além dos núcleos, centros e laboratórios de ensino e pesquisa e outros periódicos científicos.

Como se nota, atuando como docente e pesquisador nessas várias frentes de atividades acadêmicas, sempre no regime de trabalho de dedicação exclusiva, que considero fundamental para a garantia da qualidade das nossas atividades, tive a oportunidade de vivenciar variadas e ricas experiências que contribuíram de maneira significativa para o meu amadurecimento como pessoa e como profissional. Ministrar aulas e orientar estudantes nos cursos de licenciatura e bacharelado em História e no Programa de Pós-Graduação em História; desenvolver variadas atividades de pesquisa e de extensão; exercer cargos da gestão universitária, tanto na unidade acadêmica como na administração central da instituição; manter variados contatos acadêmicos e administrativos dentro e fora da UFU, tudo isso me possibilitou acumular um repertório que me credencia para avaliar com algum grau de conhecimento a universidade pública. Nesse aspecto, esta instituição, por mais dificuldades que tenha enfrentado ao longo dos anos, repre-

senta uma inquestionável conquista da sociedade brasileira, prestando um serviço de reconhecida importância social. Mantê-la, assegurando a qualidade dos serviços oferecidos à sociedade, requereu muitas mobilizações e lutas das quais tenho orgulho de ter participado. Competência acadêmica, responsabilidade, comprometimento, respeito aos princípios democráticos e ética no trato da coisa pública são fundamentos esperados desta e das gerações futuras, que têm compromisso com a universidade pública, para que este patrimônio da sociedade brasileira continue sendo valorizado e preservado.